

JOÃO EMÍLIO FALCÃO

ANC p2

Quadro desesperador

As pesquisas iniciais sobre as eleições municipais indicam claramente que o eleitorado votará no candidato. O partido terá importância mínima, prova da fragilidade de nossas instituições políticas. Esse atraso deve ser imputado às elites, confusas e desacreditadas. O que sairá dessas eleições é, no momento, quase imprevisível, ainda mais se votarem os eleitores de dezesseis anos, a idade da rebeldia.

O condenado casuismo dos governos revolucionários, quando mudavam a legislação com o objetivo de garantir a vitória de um grupo ou de um candidato, está de volta. O governador de Minas Gerais, transformado por sua audácia em grande articulador político, se opõe à votação em dois turnos por questões pessoais e partidárias. Não defende sua posição com argumentos, mas brandindo interesses.

O presidente Ulysses Guimarães, de méritos extraordinários, desce ao nível comum e tenta fazer da Constituição dos miseráveis o cabo eleitoral de seu decadente e infestado partido. Contudo, a nova Constituição será com exceção de alguns avanços notáveis, como o **habeas-data** e o mandado de injunção, na verdade, um retrocesso, o que tem sido provado, com brilho, pelo senador Roberto Campos. Sua característica maior é a demagogia, a concessão para agradar.

O levantamento sobre as coligações, pu-

blicado pelo **CORREIO BRAZILIENSE** no domingo, comprova que as legendas nada valem. Há coligações para todos os gostos. Isso é de certa forma compreensível porque com exceção dos partidos de esquerda, inexpressivos numericamente, todos são uma miscelânea, integrados pelas mais variadas correntes políticas. A degradação das próximas eleições é tal que nem mesmo esses partidos, os mais puros, se livram de uniões estapafúrdias. Estão ficando, cada vez mais, iguais aos outros. Em pouco não haverá diferença.

Políticos adversários nas últimas eleições, quando trocaram acusações altamente ofensivas, estarão juntos no palanque, enquanto correligionários eternos passaram a perigosos oponentes que têm de ser derrotados. No vale-tudo — expressão muito em voga — da campanha, nada é ilícito ou antiético. Os métodos vão desde as denúncias irresponsáveis até as palhaçadas mais grosseiras, como o candidato que se vestirá de macaco, com saudades ou para fazer-nos duvidar da genialidade de Darwin.

Apesar de candidatos excelentes, como Pimenta da Veiga (BH), Joaquim Francisco (Recife), Alvaro Valle (Rio), Maurício Fruet (Curitiba) e Manoel de Castro (Salvador), o quadro é desesperador. Digno do próximo ano quando o País se dividirá entre Brizola e Jânio.

23 AGO 1988

SERVIÇO DE ARQUIVAMENTO